

# O Psicólogo em Instituições de Acolhimento de Crianças Privadas de Sistema Familiar

## The Psychologist in the Institutions for Children Suffering Family Deprivation

---

Frederico Ribeiro<sup>1</sup>  
Iolanda Galinha<sup>2</sup>

PSIQUE – ISSN 1647-2284 – N° 7 - Janeiro-Dezembro 2011 – pp. 61-69

Recebido em 12-7-2010; aceite em 29-11-2010

### Resumo

O estudo tem como objectivo conhecer a realidade prática de um psicólogo numa instituição de acolhimento de crianças privadas do sistema familiar. O papel do psicólogo tem assumido um amplo espectro de responsabilidades nas instituições de acolhimento de crianças, desde a saúde, educação formal, investigação, diagnóstico e intervenção preventiva ou correctiva em grupo e individualmente. Com este estudo procura-se conhecer o quotidiano e o processo de institucionalização das crianças, a duração de efectividade e formação dos colaboradores de uma instituição de acolhimento em Lisboa. Foi realizada uma entrevista semi-estruturada a uma psicóloga de uma instituição de acolhimento de menores na área da grande Lisboa. Observou-se que, de acordo com o discurso da psicóloga, o trabalho desenvolvido na instituição segue as linhas orientadoras da investigação sobre o tema. Destaca-se a importância que é dada ao acompanhamento psicológico das crianças, à multidisciplinaridade entre técnicos, efectividade e formação específica dos colaboradores nas áreas relevantes à sua função, bem como o número médio de duas crianças por cuidador.

Palavras-chave: Instituição de acolhimento; Função do psicólogo.

### Abstract

This article tries to clarify the practical reality of the role of a psychologist with institutionalized children. The psychologist's role is wide and includes a variety of responsibilities in fostering children, caring for their health, education and social integra-

---

<sup>1</sup> Aluno do 2º Ano do Curso de Licenciatura em Psicologia, da Universidade Autónoma de Lisboa – Portugal - fred\_lourenco@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora do Curso de Licenciatura em Psicologia da Universidade Autónoma de Lisboa – Portugal.

tion. The purpose of this article is also to understand the daily process these children go through and how effective is the time they spend in an institution. A semi structured interview was made to a psychologist that works in an institution that fosters children in Lisbon. According to the psychologist, the work of these institutions follows the guidelines in previous scientific research. The importance of counseling and support of the children stands out, as well as the multidisciplinary between professionals and the number of professionals working with each child.

Keywords: Fostering institutions; Psychologist's role.

## **O Psicólogo em Instituições de acolhimento de crianças privadas de sistema familiar**

Existem actualmente muitos estudos sobre o papel do psicólogo nas instituições de acolhimento de crianças privadas de sistema familiar, bem como a divulgação de boas práticas e o impacto da organização e estrutura das instituições no bom desenvolvimento e integração social dos indivíduos que passaram pelo processo de institucionalização. No entanto, a realidade prática das instituições e os poucos recursos de que frequentemente dispõem limita a intervenção junto desta população-alvo. Com este estudo pretendemos conhecer a realidade do quotidiano das crianças inseridas numa instituição de acolhimento bem como o trabalho desenvolvido pelo psicólogo e por outros técnicos no apoio ao desenvolvimento destas crianças.

Muitos foram os estudiosos nas décadas de 40 e 50, que influenciados pelo número de crianças órfãs e pela inserção da mulher no trabalho, após as guerras Mundiais, se interessaram pelos efeitos da separação materna durante a infância. Segundo Tinoco (2007) citando Bowlby (1960, 1979 e 1990), a relação estável e permanente com uma figura materna amorosa durante toda a infância é de grande importância.

Desta forma os efeitos de um período de institucionalização prolongado têm sido apontados, por interferir na sociabilidade e manutenção de vínculos afectivos na vida adulta (Siqueira & Dell'Aglio, 2006).

Segundo Siqueira e Dell'Aglio (2006) citando Carvalho (2002) o ambiente institucional não se constitui no melhor ambiente de desenvolvimento, pois o atendimento padronizado, o alto índice de crianças por educador, a falta de actividades planeadas e a fragilidade das redes de apoio social e efectivo são alguns dos aspectos relacionados aos prejuízos que a vivência institucional pode operar no indivíduo.

As crianças que são institucionalizadas passam por uma experiência que inevitavelmente irá envolver perdas, incluindo os seus referenciais de vida, que por vezes são perdidos todos de uma só vez. A passagem pela institucionalização torna-se difícil também para os pais e profissionais, pois trata-se de uma experiência de perda e de adaptação a este novo momento (Tinoco, 2007).

Para Siqueira e Dell'Aglio (2006) citando Bronfenbrenner (1996), as estruturas interpessoais bem como as formas de interacção na instituição de acolhimento de

crianças alicerçam-se sob três características a reciprocidade, o equilíbrio e a relação afectiva. A *reciprocidade* é baseada no processo de proximidade que ocorre entre duas ou mais pessoas e, desta forma, é essencial incentivar as relações recíprocas nas instituições de acolhimento de crianças. O *equilíbrio*, está muito ligado à distribuição de poder nas relações, ou seja, é importante que os directores e os monitores tenham maior poder do que os adolescentes, no entanto esta distribuição de poder deve ser alterada gradualmente, de acordo com o amadurecimento dos adolescentes. A *relação afectiva* é estabelecida no envolvimento de interacções diádicas possibilitando desta forma o desenvolvimento de sentimentos uns pelos outros. É importante salientar que as instituições de abrigo devem considerar o afecto nas relações tanto entre as próprias crianças, como entre os monitores e as crianças. A dimensão afectiva é uma parte inerente às relações humanas, não devendo portanto ser excluída do desenvolvimento.

#### Os deficits identificados nas crianças institucionalizadas

Em muitos países industrializados, a institucionalização de crianças privadas de um sistema familiar adequado têm caído em desuso. Opta-se pela designação de famílias de acolhimento por se acreditar que criam um contexto mais favorável ao desenvolvimento das crianças e porque se revelam bastante menos dispendiosas. Casos clínicos mostram que a institucionalização das crianças revela défices importantes no desenvolvimento cognitivo, afectivo e social, decorrentes da pouca assistência às crianças nas instituições. Os deficits psicossociais têm efeitos duradouros no funcionamento dos indivíduos, especialmente para aqueles que na infância apresentaram problemas comportamentais (Sigal et al., 2003).

Muitos deficits intelectuais que são observados em instituições de acolhimento, podem dever-se a privações de algum tipo de estímulos sensoriais, que são independentes do cuidado materno, no entanto, mesmo em instituições ditas de qualidade a inteligência e autonomia das crianças são marcadamente menores do que aquelas que foram cuidadas em contextos familiares. Por outro lado, muitos dos problemas de conduta das crianças recolhidas por abrigos já estão presentes antes da sua institucionalização. O que aponta para os factores de risco no ambiente familiar, onde as relações eram marcadamente instáveis, stressantes e conflituosas. Este facto demonstra como as experiências precoces podem adquirir um importante papel no posterior desenvolvimento das crianças e, desta forma, a separação dos laços familiares não constitui por si só o factor decisivo (Sigal et al., 2003).

Segundo Devenport e Bourgeois (2008), os pais que utilizam a disciplina severa e autoritária têm sido reiteradamente identificados como significativos para o desenvolvimento de crianças com problemas relacionais e de comportamento. O mesmo se passa com a estrutura administrativa de um orfanato, assim, em 1999, Wolff e Fesseha (citado por Sigal et al., 2003) dizem que “A hierarchical, authoritarian administrative structure in the orphanage can result in poor psychological functioning in the children, whereas an egalitarian structure can enhance it” (Sigal e tal, 2003 citando Wolff & Fesseha, 1999., p. 4).

A relação que se estabelece com os monitores vai desempenhar um papel fundamental na vida das crianças e adolescentes institucionalizados, na medida em que serão estes adultos que assumirão o papel de os orientar e proteger, funcionando como os modelos identificativos mais próximos. O estudo realizado por Bazon e Biasoli-Alvess, 2000 (citado por Sigal et al., 2003) demonstrou:

A importância de cursos de formação, oficinas de reciclagem, ou até mesmo um espaço de trocas destinado a estes profissionais, visto que a satisfação profissional está directamente relacionada com a qualidade do seu trabalho na instituição. Estas autoras consideraram que tanto os educadores como os monitores apontaram a necessidade de ser guiados nas suas acções quotidianas de modo a compreenderem o impacto que os seus gestos podem ter para as crianças.

### O papel do psicólogo na instituição de acolhimento

O papel do psicólogo tem assumido cada vez mais um amplo leque de responsabilidades nas instituições de acolhimento de crianças, desde a saúde, correcções, educação e combate à pobreza (Libo, s.d.).

Segundo Benjamin (2001), o psicólogo é a pessoa que tenta criar um renascimento. Este renascimento irá produzir um novo tipo de indivíduo – aquele que se sente bem consigo próprio e com a sua individualidade e a dos outros, um indivíduo que irá viver a sua vida ao máximo e de forma positiva. A tarefa do psicólogo é fazer a diferença, aumentar a alegria e enriquecer a vida de outros seres humanos. Os psicólogos trabalham em diferentes meios e em todos devem fazer o máximo para fazer a diferença.

O Psicólogo, deve actuar no âmbito da educação formal realizando pesquisas, diagnóstico e intervenção preventiva ou correctiva em grupo e individualmente (Andrada, 2005). Para Teixeira e Novaes (2004, p. 293), citado por Andrada (2005) “amplia-se o objecto de intervenção do psicólogo, que passa a abarcar aspectos da vida concreta, quotidiana e os seus efeitos na configuração de subjectividades”, que são produzidas e realimentadas no entrelaçamento dos indivíduos entre si e com as entidades (Andrada, 2005).

O papel do psicólogo não é só o de técnico que actua do ponto de vista do conhecimento específico, principalmente da aplicação de testes, o papel do psicólogo foca-se na atenção, na protecção integral, devendo considerar a criança e o adolescente sujeito da sua história, sujeitos com direitos e principalmente considerá-los protagonistas. O Psicólogo tem acima de tudo que actuar em rede, de uma forma multidisciplinar, colocando ao dispor do jovem todas as formas de solucionar o seu problema (Andrada, 2005). Isto pode ganhar extrema importância se tivermos em atenção o facto das crianças órfãs terem, por vezes, problemas de auto-estima, sentimentos de rejeição, aflicção prolongada, depressão ou negação (Tinoco, 2007).

Este trabalho tem como objectivos específicos conhecer: a) as funções exercidas pelo psicólogo na instituição; b) o nível de duração média dos colaboradores na instituição; c) o tipo de formação recebido pelos colaboradores da instituição; d) o quotidiano das crianças na instituição; e) o tipo de relação estabelecida entre as crianças e

os técnicos; e f) o processo de institucionalização da criança, desde o primeiro contacto com a instituição. Os resultados deste trabalho não têm qualquer pretensão à generalização, apenas se propõem conhecer um caso de um técnico de psicologia a exercer funções numa instituição de acolhimento.

## **Método**

### **Participantes**

O participante do estudo é um sujeito do sexo feminino, com 32 anos. Exerce a profissão de psicólogo na instituição há aproximadamente seis anos.

### **Material**

Para a realização deste estudo foi utilizado o método de entrevista semi-estruturada. O guião de uma entrevista (em anexo) foi construído de modo a iniciar com questões abertas para suscitar respostas espontâneas e baseadas na experiência do entrevistado. Ao longo da entrevista foram-se especificando as perguntas procurando responder mais concretamente aos objectivos do estudo. Utilizou-se ainda um gravador áudio para permitir uma transcrição mais fidedigna da entrevista.

### **Procedimento**

Este estudo realizou-se numa instituição de acolhimento a crianças e adolescentes na região da Grande Lisboa. As idades das crianças institucionalizadas são compreendidas entre os 7 e os 18 anos de idade, ou seja, crianças em idade escolar e adolescentes. Para a realização da entrevista foi estabelecido um contacto telefónico com a instituição. Foi-nos solicitado o envio de um e-mail directamente para a psicóloga da instituição. No contacto com a psicóloga da instituição foram explicados os objectivos da entrevista e o âmbito da realização deste estudo. A psicóloga foi informada da gravação da entrevista e do anonimato e confidencialidade, da psicóloga e da instituição, mantida ao longo de todo o processo de entrevista e análise dos dados de acordo com as normas éticas da APA (American Psychological Association). A duração da entrevista foi de aproximadamente uma hora. A entrevista realizou-se no gabinete da psicóloga, em privado, com silêncio e num local bastante harmonioso e acolhedor. A entrevista foi *à posteriori* rigorosamente transcrita e procedeu-se à sua análise de conteúdo de acordo com os objectivos específicos deste trabalho.

## **Resultados**

Realizámos a análise de conteúdo da entrevista com base na técnica da condensação. Em seguida apresentamos as unidades mínimas de significado, no discurso directo da psicóloga, organizadas pelos objectivos específicos do estudo.

*a) Conhecer as funções exercidas pelo psicólogo na instituição:*

- “Sou Psicóloga clínica e trabalho no gabinete de apoio psicológico - o trabalho junto dos miúdos é clínico”.
- “Faço acompanhamento psicológico”.
- “Avaliações psicológicas”.
- “Intervenções familiares”.
- “Tenho um trabalho de ligação com os técnicos e com os monitores que acompanham as crianças”.
- “Tento que todo o acompanhamento psicológico seja integrado com o trabalho que se faz nos lares”.
- “Eles já estão numa fase de autonomização por isso eu não os obrigo, nem eu nem ninguém, a virem ao acompanhamento psicológico”.

*b) Conhecer o nível de duração média dos colaboradores na instituição*

- “Na instituição toda existem por volta de 119 colaboradores”.
- “Há 1 técnico para duas crianças, três”.
- “A equipa de monitores são os mesmos desde a concretização dos lares – há 8 anos”.
- “Considera-se importante a regularidade, as pessoas serem as mesmas”.
- “Tenta-se não mexer muito nas equipas, só quando algo ocorre flagrantemente mal”.
- “Em geral são, normalmente, os mesmos monitores”.

*c) Conhecer o tipo de formação dos colaboradores da instituição:*

- “Os funcionários têm formação específica”.
- “A formação é algo que se tem vindo a trabalhar há uma série de anos”.
- “No momento decorre uma formação específica para auxiliares de educação”.
- “Existem formações em: primeiros socorros; psicologia do optimismo; regras de desenvolvimento; como lidar com as crianças”.

*d) Conhecer o quotidiano das crianças na instituição*

- “O mais novo tem 7 anos e os mais velhos chegam a ter 21 anos”
- “Têm muitas actividades extra curriculares - são nos oferecidos imensos bilhetes para ir ao teatro, actividades culturais; ballet, ópera”.
- “Têm um horário muito carregado na escola, e depois aqui tentamos potenciar uma série de actividades que eles não têm em casa - aulas de apoio ao estudo e a figura do pai que faz os trabalhos de casa, potenciado por um monitor”.
- “Eles jantam muito cedo – 18h30/19h00”.

*e) Conhecer o tipo de relação estabelecido entre as crianças e os colaboradores*

- “Dentro da instituição não há muito a figura de autoridade, eles tratam sempre a equipa técnica e os monitores pelo nome próprio e os técnicos têm sempre a porta aberta”.

- “Eles dizem “olá” e contam como correu o dia, e por vezes os técnicos nem conseguem trabalhar porque eles não querem sair de lá, querem conversar, pois há aquela necessidade de estabelecer contacto e afectividade e acabam até por se dar muito bem”.

*f) Conhecer o processo de institucionalização da criança, desde o primeiro contacto com a instituição*

- “A criança é normalmente encaminhada para a instituição pelo instituto de crianças e jovens”.
- “O tribunal retira a criança e pede à instituição para colocar lá a criança”.
- “A criança é levada à instituição 15 dias antes de ser institucionalizada”.
- “(a criança) almoça, conhece o espaço e passa um bocado com a equipa, passa a tarde e vai-se embora”.
- “Passados esses 15 dias (a criança) regressa à instituição e inicia-se toda a integração”.
- “Passam uns dias no lar”.
- “Sempre que necessário têm acompanhamento psicológico ou uma avaliação psicológica”.
- “A equipa, faz todo um projecto de vida, análise do processo familiar, preparam a estadia do novo miúdo, percebem o que se vai fazer, de modo a perceber o que se vai trabalhar e delinear um projecto de vida para a criança”.

## **Discussão**

Os resultados deste estudo possibilitam um conhecimento da realidade prática do processo institucionalização das crianças, das funções que o psicólogo desempenha junto dessas mesmas crianças e da formação que os colaboradores recebem para a correcta realização das suas funções junto dos jovens da instituição, bem como, o tempo médio de efectividade na instituição.

Quando se aborda a temática relativa à função que o psicólogo adquire na instituição, os estudos mostram que o papel do psicólogo tem assumido um crescente leque de responsabilidades nas instituições de abrigo a crianças, desde a intervenção na saúde, correcções, educação e combate à pobreza (Libo, s.d.). Assim, o psicólogo, deve actuar no âmbito da educação formal, realizando pesquisas, diagnóstico e intervenção preventiva ou correctiva em grupo e individualmente (Andrada, 2005). Na entrevista realizada, a psicóloga referiu como principais funções junto das crianças, essencialmente, realização de acompanhamento psicológico; avaliações psicológicas e intervenções familiares, diz que como psicóloga clínica e trabalhando no gabinete de apoio psicológico, “o trabalho junto dos miúdos é clínico”. Podemos assim, entender que as funções exercidas por esta psicóloga na instituição corroboram a literatura acerca do tema, sendo o acompanhamento psicológico e as intervenções familiares os âmbitos das suas funções que mais se destacam na literatura científica.

Segundo os estudos, o Psicólogo tem acima de tudo que actuar em rede, de uma forma multidisciplinar, colocando ao dispor do jovem todas as formas de solucionar o seu problema (Pereira, et al., 2005). A psicóloga entrevistada corrobora os estudos, afirmando ter um “trabalho de ligação com os técnicos e os monitores que acompanham as crianças, para que todo o acompanhamento psicológico seja integrado com o trabalho que se faz nos lares”.

Quanto ao nível de duração média dos colaboradores na instituição e a sua formação observou-se através da entrevista, a importância que é dada à efectividade dos colaboradores na instituição bem como à aposta na formação aos mais diversos níveis “A equipa de monitores são os mesmos da concretização dos lares – 8 anos (...) considera-se importante a regularidade, as pessoas serem as mesmas. (...) a formação é algo que se têm vindo a trabalhar há uma série de anos (...) Existem formações em: primeiros socorros; psicologia do optimismo; regras de desenvolvimento; como lidar com as crianças;” a psicóloga refere ainda “que há um técnico para duas ou três crianças”. As afirmações proferidas pela psicóloga vão ao encontro da literatura pois Bazon e Biasoli-Alvess, 2000 (citado por Sigal et al., 2003) demonstraram, a importância de cursos de formação, oficinas de reciclagem, ou até mesmo um espaço de trocas destinado a estes profissionais, visto que a satisfação profissional está directamente relacionada com a qualidade do seu trabalho na instituição.

Segundo Siqueira e Dell’Aglio (2006) citando Carvalho (2002) o alto índice de crianças por educador, a falta de actividades planeadas e a fragilidade das redes de apoio social e efectivo são alguns dos aspectos relacionados com os prejuízos que a vivência institucional pode operar no indivíduo. Assim é perceptível também analisar o enquadramento do que a entrevistada disse relativamente às actividades realizadas pelos jovens na instituição, e segundo a psicóloga, estas crianças “Têm muitas actividades extra curriculares – são-nos oferecidos imensos bilhetes para ir ao teatro, actividades culturais; ballet, ópera.”, Fez ainda alusão ao horário escolar carregado destas crianças e à tentativa de “potenciar uma série de actividades que eles não têm em casa - aulas de apoio ao estudo e a figura do pai que faz os trabalhos de casa, potenciado por um monitor”. De acordo com esta temática a instituição parece seguir o caminho dos estudos, tendo as crianças da instituição uma grande variedade de actividades, e tendo os monitores que estão junto delas uma enorme aposta na formação.

O processo de retirada da criança à família e a sua institucionalização é segundo Tinoco (2007) uma experiência que inevitavelmente irá envolver perdas, incluindo os seus referenciais de vida que por vezes são perdidos todos de uma só vez. Este processo de retirada da criança bem como a sua adaptação devem, segundo a psicóloga, merecer preocupação por parte dos técnicos, passando a criança por um processo de habituação, assim, “a criança é levada à instituição 15 dias antes de ser institucionalizada. Almoça, conhece o espaço e passa um bocado com a equipa, passa a tarde e vai-se embora”. “Passados 15 dias, a criança regressa ao lar e a equipa faz todo um projecto de vida, análise do processo familiar, preparam a estadia do novo miúdo, percebem o que se vai fazer, de modo a perceber o que se vai trabalhar e delinear um projecto de vida para a criança”.

Nesta instituição é então perceptível toda a atenção que é dada ao processo de institucionalização da criança, tentando primeiramente habituar a criança não só ao

novo espaço, e aquele que vai ser durante alguns anos a sua nova casa, mas também às pessoas que diariamente vão contactar com ela, tentando de alguma forma minimizar as perdas referidas acima pelo autor.

Os resultados encontrados apontam, para a necessidade de uma investigação mais aprofundada ao nível do comportamento versus idade, ou seja, apesar de uma das questões da entrevista realizada remeter para esse campo, os objectivos do estudo em questão não remetiam para tal, no entanto, esse é um tema que suscita bastante interesse e que merece especial atenção num próximo trabalho.

Seria ainda interessante realizar um estudo de caso com um adulto que tivesse sido institucionalizado enquanto criança, para perceber quais as marcas que perduram e quais foram realmente as consequências sentidas enquanto adulto pelo facto de ter sido institucionalizado, pois segundo Siqueira & Dell’Aglío (2006), o período de institucionalização prolongado tem sido apontado por interferir na sociabilidade e manutenção de vínculos afectivos na vida adulta.

## Referências

- Alberto, M. F.P; Almeida, D. R; Dória, L. C; Guedes, C. P; Sousa, R. T & França, W. L.P. (2008) The role of the psychologist and of the entities with children and adolescent in risk situation. *Psicologia: Ciência e profissão*, 28(3), 558-573.
- Andrada, E. G. C. (2005). Novos paradigmas na prática do psicólogo escolar. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 18(2), 196-199.
- Benjamin, L. T., Jr. (2001). American psychology’s struggles with its curriculum: Should a thousand flowers bloom? *American Psychologist*, 56, 735–742. Retrieved 10 March, 2010, from PsycArticles database
- Davenport, B.R. & Bourgeois, N.M. (2008). Play, Agression, the preschool child, and the family: A review of literature to guide empirically informed play therapy with aggressive preschool children.[Electronic version]. *International Journal of Play Therapy*, 17(1), 2-23.
- Libo, L. M. (1966). Multiple functions for psychologists in community consultation. *American Psychologist*, 21(6), 530-534.
- Sigal, J. J; Perry, J.C; Ouimet, M. C. & Rossignol, M. (2003). Unwanted infants: Psychological and physical consequences of inadequate orphanage care 50 years later. *American Journal of Orthopsychistry*, 73(1), 3-12. Retrieved 10 March, 2010, from the PsycArticles database.
- Siqueira, A. C. & Dell’Aglío, D. D. (2006). O impacto da institucionalização na infância e na adolescência. *Psicologia & Sociedade*, 18(1), 71-80. Retrieved 12 March, 2010, from [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010271822006000100010&script=sci\\_arttext&tlng=em](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010271822006000100010&script=sci_arttext&tlng=em)
- Tinoco, V. (2007). O luto de crianças institucionalizadas em casas abrigo. Retrieved 17

March, 2010, from [http://caf.org.br/paginas/biblioteca/texto\\_valeria\\_tinoco.pdf](http://caf.org.br/paginas/biblioteca/texto_valeria_tinoco.pdf)